

CNLB

Textos Inspiradores

Protagonismo Feminino



CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL

Organismo do Povo de Deus da Igreja no Brasil

PROTAGONISMO FEMININO

Textos Inspiradores para o CNLB

Em memória do Dia Internacional da Mulher, o Organismo convidou algumas de nossas lutadoras para partilharem conosco seus olhares, em textos inspiradores, e que nos comprometem com a bandeira da vida das companheiras.

Presidência 2019/2022

Sônia Gomes de Oliveira – Presidente
Rejane Ane Teixeira Gaia – Vice-Presidente
Márcio José de Oliveira – Secretário-Geral
Maria Aurenir da Silva Paiva – Secretária Adjunta
Luiz Everaldo Bertholo – Tesoureiro Geral
Carlos de Oliveira Silva – Tesoureiro Adjunto

Capa

Luis Antonio Ferreira
Comissão Nacional de Formação

APRESENTAÇÃO

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.*



Milton Nascimento

O Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB, através desta publicação quer rever um pouco da história do dia 08 de março, pois não é apenas um dia de comemoração, mas um dia de luta das mulheres trabalhadoras: fazendo memória das transformações que as lutas femininas têm causado na

sociedade, dando visibilidade aos trabalhos que as mulheres desenvolvem, suas ações e que nem sempre são reconhecidas. São mulheres que fazem acontecer a nossa história.

Como cristãs leigas somos chamadas a sermos sal da terra e luz no mundo do trabalho, da política, da economia inclusiva e nas diversas periferias sociais e existenciais. Como mulheres queremos participar na construção de uma sociedade justa solidaria e pacifica e de iguais.

Queremos através destes textos mostrar, ainda que simbolicamente, o rosto de algumas mulheres que militam no

Organismo. Cristãs Leigas, que nos representam em diversos areópagos, sendo fermento na massa. Desejo que este instrumento possa ser o início de tantos outros para evidenciarmos a dimensão feminina da Igreja, atuando na sociedade, sendo protagonistas em vários ambientes e, conscientes do nosso batismo, atuando como Sujeitos Eclesiais tendo ousadia e criatividade para testemunhar Cristo Jesus.

Por fim, sem perder a esperança e a capacidade de sonhar, que possamos animar tantas outras mulheres que ainda não se encantaram pelo Projeto de Jesus para que possam se sentir encantadas pela beleza que o Seguimento nos propõe. Que possamos elevar a autoestima de tantas que se sentem excluídas, discriminadas... Que possamos usar da mesma experiência da mulher que tinha 12 anos de hemorragia, e no encontro com Jesus se curou (Mc 5,25-34). Tenhamos a mesma coragem e a mesma esperança de tocar na veste de Jesus e nos curar do que nos oprime e nos faz perder a dignidade de filhas de Deus. Sejamos corajosas como Maria, para fazer ecoar o som de nossas vozes ao entoar o Magnificat e dizer que os poderosos e opressores serão derrubados dos seus tronos e os humildes serão elevados na justiça, na paz e na garantia de direitos, caminhar de mãos dadas onde ninguém solta a mão de ninguém.

Sônia Gomes de Oliveira
Presidente

2. Protagonismo Feminino na História do Povo de Deus



Ao ler a Sagrada Escritura com atenção é possível perceber a presença de muitas mulheres que livremente se comprometeram com Deus e com Seu plano de salvação. Entre

outras mulheres bíblicas que foram canal da graça, citamos Eva, Sara, Rebeca, Lia, Raquel, Miriam, Débora, Rute, Ana, Abisag, Judite, Ester, sendo que a plenitude do cumprimento da missão de Deus é encontrada no papel da Mãe de Jesus, Maria.

Importante retomar o que o Evangelho de Mateus relata logo no início: a genealogia de Jesus, na qual há quatro estrangeiras e Maria. Diante da Lei judaica oficial, todas essas mulheres são consideradas impuras (Tamar, Raab, Rute, Betsabeia e Maria). Com a presença de impuras na sua genealogia, Jesus é apresentado como o Messias dos impuros, dos pobres e dos excluídos.

Na Galileia dos pobres, Deus encontrou Maria, a jovem de Nazaré, com muitos sonhos e esperanças de uma mulher judia. Ela é Mãe, é a primeira discípula missionária de Jesus, aprendiz da pequena comunidade que acolheu a “Palavra que se fez carne”. Em Maria se realiza a prática profética de tantas mulheres que não hesitaram oferecer o sacrifício da própria vida para concretizar a promessa da Aliança de Deus com Seu povo, o Povo de Deus. Maria é tipo e modelo de Igreja (LG 8), por primeirar – (expressão usada pelo Papa Francisco) no seguimento a Jesus por sua fidelidade; pela alegria no servir; pela sensibilidade da mulher ao optar pela vida por acreditar no Projeto de Deus, apesar de toda perseguição que sofreu na sociedade do seu tempo.

As principais testemunhas da ressurreição de Jesus foram mulheres, quer os homens acreditassem nelas ou não. Cada uma com seus dons, participação e importância na comunidade, como Povo de Deus. Para uma correta compreensão do que o Concílio Vaticano II evidenciou com a definição de Igreja povo de Deus - de que homens e mulheres não são mais relegados à passividade e à receptividade, mas recebem um papel ativo e importante na Igreja - ainda serão necessárias muitas ações eclesiais e sociais: especial atenção na educação das crianças, adolescentes e jovens, a fim de que cresçam com uma nova

mentalidade na busca de espaços mais inclusivos da participação da mulher na Igreja e na Sociedade; favorecer uma maturidade da fé, desligada do clericalismo e dos fundamentalismos que cegam e prestam a uma servidão que não gera vida, e promover espaços de crescimento para uma educação libertadora, em que tantas mulheres possam superar os modelos impostos que calam a sua voz. Importante destaque da II Conferência de Puebla quando sugere o cuidado de não masculinizar a mulher. E que o jeito próprio de ser da mulher deve colaborar para a transformação da sociedade: a mulher com sua sensibilidade, ternura e profecia, e com o desejo de ser instrumento da Palavra de Deus, poderá colaborar para a construção da nova sociedade (DP 282).

O canto do Magnificat (Lc, 1,46-56) mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética. O melhor modelo para as protagonistas na História do Povo de Deus.

Para Refletir:

- 1) Quais são as necessidades da "Galileia dos pobres" atualmente, e como e onde as mulheres são chamadas a "primeirar", hoje?
- 2) Quais são as dificuldades que as mulheres enfrentam ao optar pelo plano de Deus, de vida para todas e todos?
- 3) Como as mulheres protagonistas da fé cristã podem contribuir com Deus para concretizar a síntese programática do Magnificat do "novo céu e nova terra"?

Sobre a Autora:

Célia Soares de Sousa é Mestra em Teologia e Pastoralista. Articuladora do CNLB Guarulhos e membro da Comissão Regional de Formação do CNLB Sul 1.



3. Protagonismo Feminino e Economia Solidária

Mulheres e economia solidária na construção do bem-viver



A Economia Solidária é um modo de produção de bens ou prestação de serviços, de comercialização e de consumo, cujo trabalho é realizado de forma coletiva, pautado nos princípios da autogestão, cooperação, democracia e sustentabilidade.

Também denominada de “outra economia”, este modo de produção, comercialização e consumo, representa uma importante estratégia no combate às desigualdades sociais produzidas pelo atual sistema capitalista. O trabalho é movido por uma forte consciência socioambiental em busca do bem-viver e de um modelo de desenvolvimento sustentável.

O público dos empreendimentos econômicos solidários geralmente é composto por mulheres pobres com baixa qualificação, mães chefes de família com idades bem variadas e com filhos e/ou netos ainda pequenos. Trata-se de uma parcela

significativa da população historicamente excluída do mercado formal de trabalho.

Essas mulheres encontram nos empreendimentos solidários o horizonte de suas utopias, constroem alianças e parcerias tendo em vista criar e/ou fortalecer “laços orgânicos de solidariedade” e assim, fortalecer as lutas comuns por transformação social.

Os grupos produtivos, por meio de suas práticas resgatam experiências e metodologias referendadas na sabedoria popular e na troca de saberes, os quais são permanentemente socializados e transmitidos para as novas gerações.

Nos dias 26 a 28 de maio, mais de dois mil jovens do mundo todo se encontrarão em Assis, Itália, para pensar uma economia justa, sustentável, que inclua e não mata. Jovens atuantes no campo da economia solidária também estarão presentes em Assis, participando da “Economia de Francisco”.

Reconhecer e valorizar essas experiências é importante e necessário! São iniciativas não apenas econômicas, mas também holísticas, cujo potencial organizativo e emancipatório protagonizam a Sociedade do Bem-viver.



Para Refletir:

1. Você conhece algum grupo ou coletivo de mulheres atuantes na economia solidária? O que elas produzem e como se organizam?
2. Neste tempo de precarização do trabalho e de perda de direitos, de que maneira podemos contribuir para o fortalecimento dessas iniciativas?
3. O que você sabe sobre a “Economia de Francisco” e o Encontro dos jovens em Assis? O que isso tem a dizer para nós leigos e leigas?

Sobre a Autora:

Carlúcia Maria Silva é professora universitária e membro da Comissão Nacional de Formação do CNLB.

4. Protagonismo Feminino e Compromisso Político



Ester foi uma profetiza que muito fez pelo povo judeu. Foi sábia diante de situações difíceis, não se desesperava e buscava soluções em Deus para tomar decisões. Destemida, ousada, inteligente, não tinha medo de agir para salvar seu povo.

Sempre humilde ouvindo todos e todas. Podemos citar Sara, Rute, Dandara, Marielle, tantas Marias que em todo tempo da história da humanidade mantêm compromisso com a vida dos empobrecidos, buscando nos ensinamentos de Jesus a sabedoria e as orientações bíblicas para melhor cumprirem a missão.

Contudo, essa força não tem sido valorizada no parlamento brasileiro. As mulheres são 51,5% da população brasileira, mas isso não se reflete na representação política. Entre os 513 deputados – 15% são mulheres. Dentre elas, apenas 10 são mulheres negras, isto é, representando menos de 2% no Congresso Nacional.

O que justifica um país onde 27% da população feminina é negra ter no Congresso Nacional apenas 2% de mulheres negras? Nada, a não ser o preconceito. As barreiras à participação política das mulheres negras são múltiplas e interrelacionadas, tendo como pano de fundo a discriminação que nos levou a níveis mais baixos de educação e capital social, a maior pobreza e marginalização geográfica. Essa baixa representatividade está ligada a três fatores centrais: o racismo estrutural, o machismo e a falta de empenho dos partidos para corrigir essa distorção. Após centenas de entrevistas realizado pelo Mapa étnico racial concluiu que partidos e o próprio eleitorado tendem a associar competência política a um perfil masculino, branco, heterossexual, casado e de boa posição econômica e social. Um estereótipo que, definitivamente, não nos comporta.

Mas esse não é o único aspecto que reduz a participação de mulheres na política nacional. Sobre nós incide uma dupla discriminação, a racista e a sexista. Porque não basta vencer o racismo, temos que ultrapassar outro obstáculo: vencer o machismo. Como a divisão do trabalho é extremamente desigual – hoje as mulheres chefiam 29 milhões de lares e ainda assumem as tarefas da casa e o cuidado com os filhos -, falta tempo e disposição para a participação política.

Mesmo as câmaras de vereadores e prefeituras, porta de entrada para muitas mulheres por permitirem conciliação da vida política com a vida familiar – nossa presença é baixíssima: ocupamos menos de 14% do total de cadeiras. Um quarto dos municípios brasileiros não elegeu sequer uma mulher como vereadora e mais da metade das capitais brasileiras apresentou queda no número de eleitas entre 2012 e 2016.

O menor acesso aos recursos partidários e a falta de uma legislação sobre aspectos étnicos no âmbito eleitoral também são fatores que levam a esse cenário. Apesar da cota de 30% para candidaturas femininas, não há cota para candidaturas étnicas como forma de reduzir a desigualdade na representação. Mesmo com a criação das cotas, nossa presença nos espaços de poder continua crescendo a passos lentos.

A pauta política das mulheres têm especificidades e precisa de uma representação legítima e direta. Por isso precisamos eleger representantes, porque só quem vive a discriminação em suas múltiplas dimensões sabe o que é. Queremos políticas específicas de proteção social, de saúde e acesso à justiça, eliminando todas as formas de discriminação enfrentadas pelas mulheres negras ao acessar os serviços essenciais que são direito do cidadão. Não precisamos ser representadas. Podemos e queremos falar por nós mesmas.

Para Refletir:

- 1) Qual a importância de termos mulheres nos espaços de poder?
- 2) Quais os obstáculos para que mulheres sejam candidatas?
- 3) O que pode ser feito para aumentar a representação das mulheres nos espaços de poder?

Sobre a Autora:

Marilene (Leninha) Alves de Souza é a primeira mulher negra eleita deputada estadual pelo PT/MG. É presidente da Comissão de Direitos Humanos da ALEMG.

5. Protagonismo Feminino Negro nas Periferias

*“Deus é uma mulher preta
E por natureza
sei que vou sobreviver
Deus é uma mulher preta
Bença minha mãe
para lutar e escrever”*

Jéssica Gaspar



Nós mulheres negras, além da luta diária contra o machismo, também enfrentamos a luta contra o racismo e a exclusão social.

Após a abolição da escravatura, o povo negro foi forçado a se juntar nas periferias, nas áreas mais afastadas dos centros e de lá poucos de nós saíram e as consequências são sentidas até hoje em nossos corpos e almas.

Sem acesso a educação que nos proporcionasse uma melhora de qualidade de vida, fomos nos submetemos a subempregos para sustentar a nossas famílias, fomos tendo nossos corpos explorados, motivo de fetiche para turistas estrangeiros, nossos cabelos alisados, nossos traços afinados, sofremos violência doméstica, fomos impedidas de viver a nossa religiosidade e nos afastamos cada vez mais de nossa cultura.

Mas não nos rendemos, e seguimos vivas! Nos organizamos em coletivos, pequenos quilombos que nos permitiram reacender a força da mulher negra, reafirmar nosso orgulho pelos nossos corpos e traços, nossas danças.

Com o avanço de políticas públicas como as cotas, por exemplo, podemos ver nossos filhos e filhas, e até nós mesmas nos bancos das universidades, outras tiveram pela primeira vez suas carteiras assinadas depois de anos limpando chão, algumas estão se tornando empreendedoras, e assim a mudança está acontecendo.

Queremos vida e vida em abundância para nós e para os nossos, queremos nos ver na TV em papéis de destaque, queremos ocupar a política, queremos professar a nossa fé sem medo. Vamos inverter a base da pirâmide e nos tomar tudo que por século nos foi negado.

No rosto de cada mulher preta reluz a face de Deus Mãe e quando avançamos todo o povo preto avança junto.



Para Refletir:

- 1) Quantas mulheres negras têm em seu trabalho, sala de aula, igreja, lugares em que você frequenta? E que posições elas ocupam dentro desses lugares?
- 2) Quais mulheres negras que você admira?

Sobre a Autora:

Denise Lima Teofilo de Souza é militante de movimentos sociais e secretária auxiliar do CNLB Regional Sul 1.

6. Protagonismo Feminino no Organismo



Uma grande parcela das mulheres cristãs leigas está fazendo a diferença na Igreja e na sociedade. Na Igreja a presença da mulher tem sustentado o trabalho pastoral, a animação das

comunidades, a organização dos diversos serviços de evangelização.

Santa Teresa de Ávila, no seu caminho para a perfeição, protesta com o Senhor a questão de os homens não darem liberdade às mulheres de falarem e agirem publicamente. Esses espaços foram conquistados, mas ainda há outros impenetráveis. Não é uma questão de competição, mas de uma justa abertura para um crescimento mais completo da Igreja ser. (cf. *Agenda Formativa CNLB, 2015*).

O Papa Francisco, na EG (104), fala “*dos legítimos direitos das mulheres, partindo da convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade...*”.

“Nos 25 anos de CNLB percebo o quanto a participação das mulheres foi e é imprescindível, assim como foi divina a ideia das ‘mulheres de D. Hélder’ de se criar a CNBB. Eu me lembro da construção do Documento 62, o quanto as mulheres fizeram(...) para que constasse a palavra leiga na capa, não apenas para constar, mas para reafirmar o quanto importante é e em igual patamar dos cristãos leigos, as contribuições das mulheres cristãs leigas(...)”.
(*Márcia Signorelli, Comissão de Assessoria Permanente e CNLB de Campinas/SP*).

Na sociedade temos visto, de um lado a mulher sendo tratada com inferioridade, desrespeito, violência e como propriedade; mas, de outro lado, a mulher desperta para a importância de seu papel na luta por seus direitos e pelos direitos do outro, da outra, mediando a luta por uma sociedade melhor.

No CNLB há um reconhecimento da valorização e da importância da presença da mulher no Organismo, principalmente nos espaços de decisão. Ela está nas presidências, nos colegiados, nas assembleias, nas comissões em âmbitos diocesano, regional e nacional. Historicamente, contribui com a Igreja e a sociedade, participando efetivamente de alguns processos.

Desde a sua fundação, o Organismo conta com a efetiva competência das mulheres. Na Assembleia Geral de constituição do CNL em 15 e 16 de novembro de 1975, foi aprovado também a criação de alguns secretariados nacionais para algumas áreas específicas de atuação, tendo alguns coordenados por mulheres, como por exemplo o secretariado nacional da área familiar, pelo casal Selma Amorim e Hélio e o secretariado nacional da área estudantil, por Maria Eunice Campanha. Maria Eunice compôs a primeira Comissão Executiva do CNL, juntamente com Selma Amorim.

“(…) a minha participação no Conselho de Leigos da Arquidiocese de Teresina iniciou de forma muito tímida, mas sempre muito comprometida, atuante, consciente e aos poucos fui percebendo que o conselho era de fato o meu lugar, pois é no conselho que temos uma formação integral, no âmbito social, econômico e político (...). Estive presidente por três mandatos e essa experiência me fortaleceu ainda mais como mulher. Consequentemente fortaleceu o meu ser sujeito, meu protagonismo e minha autonomia. Tudo isso, numa mulher incomoda, pois, o machismo ainda permeia nossa igreja. Contudo, tenho consciência e convicção que a mulher com sua astúcia, ousadia e coragem irá converter seu companheiro, seu amigo, seu colega viver na sociedade e na igreja numa igualdade de gênero”.
(Vanda Carvalho, *Equipes Docentes e Regional Ne 4*).

Presidindo o Organismo em âmbito nacional tivemos Cecília Franco (1995-1998) e Marilza Schuina (2013-2016, 2016-2019), tendo como atual presidente Sônia Gomes Oliveira.

“No CNLB masculino e feminino não são antagônicos, completam-se. Convivemos como leigos cristãos e leigas cristãs comprometidas, e, desta maneira, estudamos, refletimos, opinamos, decidimos e agimos, pondo a serviço do reino de Deus nossas características, nossos dons específicos de mulher e de homem (...). Como mulher participando do CNLB, fui aprendendo a ser mais uma no todo, a acolhida, o respeito, a valorização, os exemplos de mulheres fortes, guerreiras (...), contribuindo para que eu me sentisse fortalecida. Ser persistente sem ser arrogante, valorizar o meu estado de mulher, isto é, reconhecer que não sou menos, contribuir sempre para o enriquecimento do todo, saber esperar a hora quando necessário, avançar confiando nas graças de Deus que frequentemente manifesta-se na convivência com os irmãos e irmãs. Isto vivi transitando, trabalhando, alegrando-me, entristecendo-me, superando, amando no CNLB”. (Edi Pradier, *Equipes Docentes e Regional Sul 3*).

Nos últimos anos, as presidências regionais do Organismo têm sido exercidas pelas mulheres. Em 2016, dos 15 regionais do CNLB, 11 eram presididos por mulheres; em 2017, de 16 regionais, 12 mulheres eram presidentes; em 2018, 13 regionais presididos por mulheres de um total de 17 regionais e em 2019, 14 presidentes dos 17 regionais. Para se ter uma ideia desse efetivo avanço de participação e liderança das mulheres, até

1999 a quantidade de homens que participava das assembleias do CNL era superior à das mulheres. De 1975 a 1999, 53% dos participantes eram homens e 47% eram mulheres. Na última Assembleia Geral Ordinária do CNLB (Cuiabá, 2019), 57.14% das participantes eram mulheres e 42.86% eram homens. Esses dados só reforçam o que já sabemos sobre a intensa participação das mulheres na vida eclesial. Nesses anos todos a formação tem sido uma das forças do CNLB, o que possibilita consciência crítica e atuação qualificada. Interessante observar que esta é uma das atuais áreas de atuação do CNLB, hoje conhecida como comissões e tem sido, em sua maioria, composta e coordenada por mulheres.

É o CNLB lugar de encontro, de aproximação das mais diversas expressões laicais atuantes em nossa Igreja, onde homens e mulheres buscam, com o Evangelho na mão, viver o Seguimento de Jesus de Nazaré, na Igreja e, principalmente, na sociedade.

Mas, podemos fazer mais, pois muitas cristãs leigas e leigos ainda não se reconhecem como “verdadeiros sujeitos eclesiais”.

“Sou amazônida, mulher, leiga, mãe, pedagoga, indigenista, militante dos direitos humanos que assume seu verdadeiro papel na Igreja e na sociedade. Como agente de pastoral, atuo nas Comunidades Eclesiais de Base, na CÁRITAS em defesa da vida e das pessoas em situação de vulnerabilidade (...) mas percebo também que é muito desafiante ser mulher hoje e assumir seu verdadeiro papel na Igreja e na sociedade. Temos alcançado vários espaços, mas, (...) se a gente perceber, somos nós mulheres que construímos, que levamos Jesus de Nazaré a cada dia, através da nossa ação dentro e fora da Igreja. Como mulher leiga, no CNLB tenho encontrado muitas forças e maneira de articular, de fortalecer a minha missão e o protagonismo, unida com tantas mulheres companheiras desse Brasil afora que assumem a liderança do Conselho Nacional do Laicato do Brasil em suas regiões. Estamos aí para dizer que nossa missão na Igreja é fundamental e primordial e precisamos estar cada vez mais unidas em defesa da vida, sendo resistente, sendo teimosa, nunca perdendo a esperança nem a coragem em busca da utopia e da profecia, numa Igreja em saída, que canta e encanta”. (*Maria Istélia Folha, Regional Norte 3*).

Tem sido o CNLB espaço de organização, articulação e representação do laicato, mas acima de tudo, espaço de fortalecimento da identidade, vocação, espiritualidade e missão do cristão leigo e leiga.

“O CNLB me fortalece. É onde sou e faço a diferença, dando sentido e importância na minha participação nos diversos espaços. Onde posso servir como igreja na sociedade: no combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes através da Rede Um Grito pela Vida, em que também posso abordar na catequese e nas escolas públicas de ensino fundamental e médio; nas diversas atividades das pastorais e movimentos sociais, e em alguns comitês sócio-econômico-político-ambiental” (...).
(*Patrícia Cabral, Regional Norte 1*).

Assim a mulher do e no CNLB vai aprofundando a sua consciência crítica e seu ser mulher, ser sujeito na história da Igreja e da Sociedade, promovendo a formação do laicato como um todo e estimulando o seu protagonismo.

Para Refletir:

- 1) Na Igreja e na Sociedade, homens e mulheres tem a mesma dignidade?
- 2) Você conhece as mulheres de sua região que são proféticas, atuam na busca da vida plena de todos e todas? Vamos contar sua história?
- 3) No texto de Mc. 7,24-30, como você pode ler, pela primeira vez, alguém vence um debate com Jesus, e é uma mulher estrangeira, fazendo-o mudar de atitude. O que Jesus aprende no debate com a mulher estrangeira?

Sobre a Autora:

Marilza José Lopes Schuina é articuladora das CEBs, Pastorais Sociais e Presidente do Organismo entre 2013 a 2019.